



PAUL RICOUER: Por uma Discussão da Narrativa

Vanuza Souza Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Paul Ricouer é um dos principais teóricos na pós-modernidade que discute a narrativa enquanto prática fundante de uma memória, ao mesmo tempo do silenciamento do passado. A narrativa para esse autor é constituidora do passado, que se materializa através de uma série de procedimentos. Compartilhando da ideia de Certeau de que a narrativa opera o passado, Ricouer discute os procedimentos fundamentais que fazem da memória um texto escrito, os quais tornam possível um testemunho se fazer documento arquivado. Diferente pois de Hayden White, Ricouer parte da ideia de que o referente não é apenas o texto. Aproximando-se mais de Certeau, o autor sugere que para a narrativa existir ela depende não apenas dos lugares sociais, teóricos e institucionais de quem a escreve, como também, do gesto de quem a ler. Desse modo, o leitor dos arquivos é outro momento importante para se pensar a constituição da narrativa do passado, complementando as teses que o autor criou em *Tempo e narrativa*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paul Ricouer, História, Narrativa.

**Abstract:** Ricouer Paul is one of the leading theorists in post-modernity as a narrative that discusses the practice of founding a memory, while the silencing of the past. The narrative for this author is past it develops, which is materialized through a series of procedures. Sharing the idea that the narrative Certeau operates the past Ricouer discusses the basic procedures that make the memory a written text, which makes it possible to make a document filed testimony. Different because of Hayden White, Ricouer part of the idea that the referent is not only the text. Approaching over Certeau, the author suggests that the narrative exists for it depends not only places of social and institutional theorists who writes, but also the gesture of those who read. Thus the reader of the file is another important time to think the constitution of the narrative of the past, complementing the thesis that the author has created *Time and Narrative*.

**KEYWORDS:** History, Narrative, Time.



*Toda obra que funciona, funciona como uma obra desejada, mas incompleta e como que perdida, porque eu não a fiz eu mesmo e é preciso reencontrá-la, refazendo-a<sup>2</sup>.*

*O que fazemos com as lembranças quando a tornamos texto? O que a presentificação da escrita faz com o passado quando este é convertido em registro, documento, prova? Que caminho percorre a memória no ato de lembrar narrando e de narrar escrevendo?*

As inquietações acima não constituem uma novidade do mundo moderno e pós-moderno, fizeram parte inicialmente do mundo antigo, especialmente grego. O historiador, ao escrever o passado e sobre o passado, enfrenta um longo combate, contra e com a memória, ao mesmo tempo em que produz o esquecimento. Se durante muito tempo, principalmente no século XIX, o sentido de fazer história estava ligado ao ato de lembrar, “ressuscitar” memórias, aprendemos mais recentemente, principalmente a partir da segunda metade do século XX, que o fazer história é também um exercício do esquecimento.

A história é um procedimento, uma operação, um gesto, o qual se afirma a partir de escolhas teóricas, de um lugar institucional e de um lugar social, como propõe Michel de Certeau<sup>3</sup>. Falamos de um lugar institucional e de um lugar social. Escrevemos, também, para dados grupos e instituições. E essa é uma das grandes revoluções que a história pôde viver na segunda metade do século XX, revolução que define determinado grupo de pensadores denominado Pós-moderno. A pós-modernidade, dentre outras questões, vem pensar o mundo, a vida, as coisas a partir da ideia de que tudo é linguagem, de que somos sujeitos da linguagem; esta não é tida como uma estrutura, mas uma prática dinâmica, mutável e significada de modo diferente pelas subjetividades. Segundo as diretrizes de Connor, talvez não seja importante aqui dizer o que é o pós-modernismo, mas perguntar: O que está em jogo? A quem ele se dirige e de que maneira?<sup>4</sup>.

Inspirado em Nietzsche, Heidegger, Michel Foucault se situando na discussão da pós-modernidade vem afirmar não só a realidade enquanto construção de uma linguagem, mas uma realidade que se define pela vontade de verdade, a qual cria, modifica e empreende

---

2 BARTHES, Roland. **A Preparação do Romance I: da Vida à Obra**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 15 ( Coleção Roland Barthes)

3 Ver CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, pp-65-119.

4 CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 15-21



sentido para o mundo<sup>5</sup>. Essa vontade de verdade, como propõe o autor, apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos, uma espécie de repressão e um poder de coerção.

Como os demais filósofos supracitados, Paul Ricouer, considerado um filósofo da pós-modernidade, é também um defensor da linguagem e narrativa como definidora do mundo, mas não assumindo a postura radical de Hayden White, que defende o mundo apenas como linguagem e que cada definição é constituída por um estilo. A discussão de Ricouer aproxima-se em grande medida, em alguns momentos, do pensamento de Certeau, embora dele se afastando também, uma vez que para Ricouer a questão do lugar social do autor não é uma questão primária em seus estudos. Ricouer e Certeau aproximam-se quando defendem a história como um procedimento, uma operação. O objetivo deste texto é, pois, mapear, as principais ideias de Paul Ricouer a cerca da operação do historiador e da constituição da narrativa, tendo como foco central as questões que faz em *Fase Documental* do livro *História, Memória e Esquecimento*, no qual o autor acrescenta o problema do esquecimento, como parte constituidora também da narrativa. Desse modo, o autor coloca uma questão fundamental, a história não é apenas uma narrativa da memória, mas também do esquecimento.

## O que faz a Narrativa da História

A história é uma narrativa complexa, que organiza o passado e que se institui a partir de procedimentos com a memória, o testemunho, o documento, os arquivos. Narrar é acionar sentidos, significações para o mundo. Em *Compreensão e Explicação*, Ricouer nos fala sobre uma narrativa que se afirma a partir de alguns processos, além do arquivamento, do testemunho e da fase documental: a compreensão e a explicação constituem fases outras da trajetória do narrador/historiador, que são as marcas da operação, do gesto escritor. Toda narrativa, compartilham, Veyne<sup>6</sup> e Ricouer<sup>7</sup>, precisa explicar, explicar para ser legível, para afetar o campo da vida. Não se pode contar algo, pensa Veyne, não se pode explicar causas, sem explicação. Explicação e compreensão são conceitos que caminham juntos, só se

5 Ver: FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, pp. 9-18.

6 VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. Brasília: EdUnB, 1998, p. 215.

7 RICOUER, Paul. **História, Memória e Esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.



explica a história quando se compreende, mas compreender não é aceitar, entender, é exatamente pensar as fases que tornaram possível uma fala se fazer documento, tornar-se testemunho e ir para o arquivo. Essa definição tão presente em Ricouer exige de nós o que o autor chama mais claramente de “compreensão”, conceito que leva o autor a se inspirar em alguns momentos na filosofia heideggeriana.

Heidegger pensando “o ser no mundo”, pensando “o mundo que munda”, desafiou a filosofia a compreender a partir de outro deslocamento, re-figurando “o compreender”, porque queria pensar o “ser aí”, “o ser aí na vida”, pois a vida lhe aparece encoberta e “nevoenta”. Heidegger vai constituindo a partir de outros referenciais um “novo” sentido para o ser e a vida, um ser e uma vida que a seu ver foram esquecidos porque universalizados e encobertos por uma epistemologia transcendental. O ser é o homem (*da-sein*). No homem o ser se revela, por isso que somente o homem explica e compreende algo relacionado ao humano. Para explicar o homem então, para Heidegger, não se trata de buscar categorias e conceitos, mas de pensar como esse homem habita, vive e munda o mundo. O *da-sein* é exatamente a sua projeção no mundo, é o que munda, ninguém poderá conhecer, explicar se não se projetar para fora de si e para o mundo.

A filosofia heideggeriana primeiro compreende que há uma ausência do ser na metafísica ocidental, em seguida cria uma explicação na busca temporal desse ser. Heidegger é assim “pai” de um conceito que irá referenciar as inquietações de Michel Foucault e Derrida ao longo de suas obras, o conceito de *desconstrução* que nas textualidades daqueles assumirá outros sentidos<sup>8</sup>. Na compreensão de Heidegger era preciso destruir a linguagem que educa a essencialização do ser e o põe para fora da história. O ser, diz Heidegger, mora na linguagem, morar é estar, é desestabilizar, é pensar inclusive que as linguagens enquanto moradias jamais poderão ser fixas e universais<sup>9</sup>.

Heidegger e Paul Ricouer compartilham no ato de compreender a pré-concepção das coisas, da narrativa, do ser que aí existem. Para Heidegger, por exemplo, quando analisa o ser, afirma que a constituição desse ser traz uma concepção de vida e mundo anterior a tal constituição. Tal qual o ser histórico de Heidegger, a narrativa ricoueriana é pensada também num plano de pré-configuração, que não significa origem, começo, porque o

8 GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em Retrospectiva**. Petrópolis: Vozes, 200, p.83.

9 HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008, p. 44.



começo, acredita Heidegger, só ocorre no plano da rememoração., quando a memória elege o lembrado, o vivido. Evidente que se trata aqui mais da análise dos usos das categorias de linguagem do que da compreensão do ser heideggeriano e da narrativa ricoueriana.

O uso do prefixo “pré” em Heidegger e em Ricouer ajuda assim a percorrer o processo de compreensão que ambos figuram para explicar. Se Heidegger põe em questão o encobrimento do ser no campo da fenomenologia, Ricouer põe em questão o tema da representação enquanto criação de uma verdade objetiva e cientificista da história. Há em ambos uma dobra do conceito de compreensão.

Assim, a vida e a história se apresentam “nevoentas”, como pensa Heidegger, “nebulosa”, conforme Ricouer, quando afirmam que o historiador/intérprete, não deve estar fora da vida, do texto, da história para descobrir, significar, representar “o mundo que munda”, “o ser que passa”. Pensando com o Heidegger explicado por Gadamer não devemos dizer: “*vejo que lá está a porta*”, mas sim, “*Eu estou lá e vejo que lá está a porta*”<sup>10</sup>. Assim se inscreve em Ricouer a voz da narrativa que pretende dar conta do tempo vivido, ele percebe o passado porque o adentra como uma presença ausente, seguindo os signos, os rastros e as marcas, e através da imaginação, está lá para ver a porta, o passado.

O historiador representa o passado, sua representação se institui a partir de um processo de compreensão e explicação que para se legitimar necessita de um processo precedente, o testemunho, o arquivamento, a fase documental. O ato de representar para Ricouer necessita ainda de outro gesto, a pergunta “porquê”. A pergunta leva o narrador a caminhos variados, porque a memória, a verdade, a narrativa, o esquecimento, estão sob a custódia humana, desse modo, sob os modos de representar o passado, de compreendê-lo e explicá-lo. A narrativa é inscrita também a partir de um compromisso com a verdade, talvez aquela vontade de verdade nietzscheana e a verdade discursiva foucaultiana, que exclui, silencia e interdita outras verdades e narrativas. A narrativa além desse compromisso com a verdade, é um gesto interpretativo, e interpretar para Heidegger, é uma atividade espinhosa. Ricouer torna complexa também a interpretação; o intérprete para Heidegger é um intermediário, para Ricouer esse intermediário se denomina na voz narrativa, a qual vai se intercalar entre o tempo vivido e o tempo do mundo, e tal interpretação é uma leitura que vem sendo (in)formada por memórias já constituídas, memórias coletivas ou individuais. O

---

10 GADAMER, Hans-Georg. *op. cit.* p.53





historiador que interpreta se institui como essa voz narrativa, que enuncia e autoriza o enunciado, que dá pistas inclusive do processo que o torna enunciatador. Assim a narrativa é um gesto epistemológico e ontológico.

Para Heidegger, pensando o ser histórico, a linguagem não é universal, para Ricouer, a narrativa é também uma ação no tempo, que explica e compreende de forma variada e que representando o objeto, acaba representando também de onde fala e para quem fala, projetando-se para o mundo.

*O que significa representar, representar narrando para Ricouer?*

Há para Ricouer diferentes maneiras de representar o passado, a história das mentalidades seria uma dessas representações, a qual é questionada pelo autor por tornar o sentir e o pensar das épocas vividas naturais e inconscientes e por ser um plano de explicação generalizante. Para o autor, Michel Foucault, Michel De Certeau, Norbert Elias, constituem assim, modelos outros de “representação” do passado. Para Ricouer, a representação seria a maneira como os autores vão criando e narrando o passado, problematizando-o. As representações da macro e micro-história, que pensam o jogo das escalas numa dada sociedade, é um outro modelo de representação do passado, uma outra relação com a verdade, a qual vai deixando na estrutura da narrativa os signos e os rastros de como se operou o passado, de como se leu e se interpretou uma dada sociedade.

Dentre os modelos de representação do passado, a proposta de Michel Foucault num dado momento é questionada por Ricouer. Para este último, toda narrativa é constituidora de uma voz narrativa, criticando por isso a ideia de uma ausência do enunciatador no enunciado, discutida por Foucault em *A Arqueologia do Saber*. Para Ricouer, a voz narrativa é constituidora da narração e ela aparece, dando pistas do projeto da sua operação: ora são vozes muitas vezes coletivas, ora individuais, mas vozes que autorizam o que narram. Já em Foucault, a linguagem é o próprio esvaziamento do autor.

A narrativa para Ricouer ao se constituir, traz sua pré-figuração, o que significa pensar o lugar, o tempo de sua produção. As narrativas para Ricouer somam no seu campo aquilo que a pré-configura, configura e reconfigura. O pensamento de Paul Ricouer não se encerra no ato de representar, de escrever os ditos do passado, a re-figuração vem ser exatamente o momento fundamental da narrativa, quando esta se torna um mundo aberto à poética do leitor, quando a voz narrativa junto ao leitor negocia o mundo. Em Ricouer, a



partir da filosofia da hermenêutica, a condição da narrativa histórica se exige de ser um saber totalizante e apenas objetivo ou subjetivista. A narrativa está dentro de um tempo e de um campo de regras, carregando a responsabilidade de compreender, compreendendo-se, porque a vida só é história, como pensa Ricoeur, quando conferimos a ela tal atributo, o atributo de explicar, explicando-se.

Pensar a narrativa enquanto representação do passado, significa mais uma vez dividir ou analisar o pensamento ricoueriano a partir da imagem triangular, ou, se preferirmos, estendermo-nos à tri-dimensão de suas análises. Primeiro, a narrativa compreende/explica, tal processo é constituinte de um segundo momento, a relação entre a representação-objeto e a representação-historiográfica, momento que irá complementar o que ele denomina o terceiro momento, a representância, sendo esta a abertura ou projeção do leitor na obra e para além dela.

Quando o autor pensa a narrativa enquanto organização e representação de um passado, enfatiza que tal significação é a materialização de certos procedimentos e escolhas, de dados arquivamentos de memórias coletivas e/ou individuais e de dados esquecimentos. A narrativa escriturária, porém, não é a fase última. Quando a narrativa é entregue ao leitor, este re-figura o texto, construindo, assim, a poética, que é o campo de abertura a novos sentidos e significados. A narrativa é, um ponto de intersecção entre os procedimentos que a precedem, que a configuram e a re-figuram.

Embora situado no debate do pós-modernos, é preciso pensar que Ricoeur não defende a ideia de que a realidade é apenas uma questão da linguagem, como defende Hayden White. Para Ricoeur há um referente, há um enunciador, porque o acontecimento é um acontecimento narrado; se é possível pensar Ricoeur como alguém que reivindica um dado realismo, é a este que se deve relacioná-lo, ao campo das coisas narradas e operadas, mas que têm um referencial.

Com Paul Ricoeur o mundo não é só texto, é também texto, mas não é apenas o que o texto diz. Este é o caminhar do pensamento ricoueriano, que para além de uma discussão apenas nominalista ou apenas realista, transita entre essas colocações. Ricoeur é fugidio a toda explicação nominalista, ao relativismo nominalista, também não cede à ideia de um real que se encontra em indícios, rastros, conforme o paradigma indiciário de Ginzburg. Paul



Ricoeur desloca-se e dobra essas questões, e funda outra proposta de pensar o passado, a memória e o esquecimento, através do conceito de representância.

Quando da análise da semântica de Hayden White<sup>11</sup>, Ricoeur destaca a positividade do desmembramento que aquele faz ao analisar a narrativa, em que esta se divide em intrigas, argumentos e implicações ideológicas constituintes do ato de narrar, havendo assim uma relação entre a criatividade semântica e as regras e/ou codificação das mesmas. Para Ricoeur, porém, ao analisar a relação trópica de White, percebe que a história acaba se resumindo a uma luta ou embate de narrativas, porque os fatos são sempre fatos da linguagem. Se há mudança, esta só aparece no campo da semântica.

Quando Ricoeur discute a representação enquanto escrita que tenta dar conta do passado, retoma, e não haveria de ser diferente, a discussão “ficção e verdade” na história, mas com outras propostas, reinventando o campo discursivo que de um lado coloca a verdade e de outro a imaginação./ficção, em que a irrealidade e realidade são postas como categorias heterogêneas.

Paul Ricoeur não descarta a ideia de a narrativa ser uma intriga, como o faz White, mas diferentemente deste, não só os personagens da linguagem constituem a história narrada, mas também os acontecimentos, que já vêm como outra narrativa. A narrativa que se divide em representação-objeto e representação-historiográfica contempla “o que foi posto sob seu olhar”, como um quadro, um retrato, mas vai além da presença, a narrativa se acrescenta na ausência e acrescenta-se ao que está exposto. Conforme o próprio Ricoeur, narrativa não se parece com o acontecimento que ela narra, mas isso não implica uma oposição de imagens, de um lado a verdade, a origem, de outro a ficção, a ruptura, implica dizer que a fase da compreensão e da criação literária não se encerra aí (no criar o texto). A leitura é assim, momento bastante discutido por Ricoeur, pelo fato de o ato de ler também efetuar o texto, tanto histórico quanto fictício, é assim um terceiro tempo.

A escrita do historiador aparece como um pacto de verdade com o leitor, mas a ausência entre o tempo vivido e o tempo presente, que já fora preenchida pela leitura da voz narrativa, também é preenchida pela leitura de quem re-figura o texto, nesse caso o leitor. Aqui temos então o campo poético da narrativa ricoeuriana, a abertura que se dá na estância da re-figuração.

---

11 cf. WHITE, Hayden. Teoria literária e Escrita da História. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1994, p.13 e WHITE, Hayden. **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX**. São Paulo: EdUSP, 1995.





Concordando em parte com White, o imaginário é necessário para criar a história, mas Ricouer vai além para explicar a imaginação na história; para ele o imaginar é a relação que liga o tempo vivido e o tempo do mundo. Essa imaginação também usufrui de signos, rastros, porque estes são partes fundantes também da operação do arquivamento, do testemunho, da fase documental e de toda operação intelectual. A imaginação organiza a lacuna entre dois tempos, como um *face a face* e é ela quem figura o passado.

A voz narrativa na ficção e na história inspirada também na imaginação materializa a ligação dos tempos, sensibiliza a “passadidade” pela intuição, é obra presente na ausência; é desse modo que história e ficção se entrecruzam, no instante da imaginação da representação escriturária e da leitura. O leitor, diz Paul Ricouer, espera uma verdade, o historiador amparado na inscrita da memória e na imaginação representa o passado e a verdade desse passado. Há uma relação pré-estabelecida com a memória coletiva com a qual opera o historiador. A *representância*<sup>12</sup> traz então essa dimensão e incompletude da representação na história em que imaginação e ficção também operam o passado.

Para finalizar este primeiro momento da pesquisa, vamos tentar situar um equilíbrio entre textos de tensão: Paul Ricouer, Michel Foucault, De Certeau, Paul Veyne. De início nos permitimos imitar o gesto aristotélico que saía em defesa da paixão como fundamento da retórica<sup>13</sup>. Se Sócrates dizia ser possível definir todas as coisas, encontrar nelas a verdade e de forma racional, para Platão somente separando a paixão da razão seria possível se chegar à verdade da retórica. Aristóteles é a síntese, une a tensão da tese de Sócrates e a antítese de Platão, “em sua retórica mostra que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer”<sup>14</sup>, a paixão complementa a razão da retórica, não a nega.

Que pontos de paixão e tensão podemos encontrar então nos autores aqui estudados?

O primeiro e fundamental ponto de equilíbrio: a história narra! Não existe por isso acontecimento fora da narrativa. Para Ricouer e Certeau a narrativa existe a partir de um procedimento porque é um modo de fabricar o passado, representa o passado não como uma

---

12 Conceito com o qual o autor finaliza a discussão sobre a história enquanto narrativa, mostrando que o texto não é apenas ficção nem apenas uma representação do acontecimento, uma vez que o leitor também define o texto. Ver RICOUER, Paul. *op. cit.* 289.

13 Ver: ARISTÓTELES. **Retórica das Paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.23.

14 Idem, *ibidem*.



(re)apresentação do mesmo, mas como um saber que se escrevendo simultaneamente indica seu corpo social e sua função com a linguagem.

Paul Veyne pensando a estrutura da narrativa diz ser esta semelhante ao romance, porque entende que a narrativa histórica também cria intrigas e a verdade aparece na forma como essas intrigas são organizadas para dar vida ao referente<sup>15</sup>. A dimensão poética aparece nas discussões de Veyne, White e Ricouer, mas para este último, Veyne reduz a história à intrigas explicativas, critica que se repete para pensar os trópicos de Hayden White, quando diz que para este a história se resume a embates e disputas dos trópicos. Estes autores de forma diferente retomam o debate nominalismo x realismo, com outras significações, tentando romper as dicotomias realidade e ficção, mas ao mesmo tempo atualizando esse antagonismo.

Paul Ricouer vai além da organização da narrativa; para ele se há uma narrativa que referencia um acontecimento, a forma pela qual essa narração se constitui segue procedimentos, fabrica um passado, ao mesmo tempo em que é fabricada pela ideia de história instituída, aproximando-se assim de Certeau. A constituição da narrativa em Ricouer é a consolidação de um modo de operar a história, uma representação-literária, a qual se realizará na representância, momento em que o historiador através da poética se faz presença na ausência que criam os arquivos e documentos. A produção do historiados, diz Certeau, pertence a um lugar e a uma regra de procedimentos, as quais estão na escritura. Explicação que também aparece nos textos de Ricouer quando vai pensando as diferentes etapas da pesquisa do historiador, como exemplos, o recorte espacial, temporal, os testemunhos, os arquivos e a prova documental.

Mas entre essas estrelas noturnas, talvez Foucault seja entre elas a de maior tensão pela separação. A história para ele, e nisso não há diferenças, é um discurso, mas a maneira como pensa esse discurso retoma a separação de galáxias. E não podemos silenciar as duas principais críticas feitas ao seu trabalho: para Ricouer, Foucault nega o enunciador do enunciado, esta seria então uma função vazia; e para Certeau, Foucault não faz a história do lugar do enunciado.

Igualmente a Certeau e Ricouer, Foucault acredita numa história discursiva, que elabora documentos e arquivos a partir de uma dada maneira de manusear e proceder a

---

15 VEYNE, Paul. *op. cit.* p. 258.



memória, momento que os aproxima. E conforme as estrelas noturnas em seus textos-galáxia, o discurso não é apenas uma criação interna, linguística, nem apenas uma unidade, a unidade do discurso de uma obra de um texto é a inscrita de um procedimento de dispersão que a criou, e talvez aí as estrelas noturnas se encontrem mais uma vez nesse espaço vazio de saberes. A Arqueologia foucaultiana<sup>16</sup> é uma busca por essa dispersão, que não se trata de um conjunto de signos que levam ao referente, porque o discurso não é homogêneo.

Dizer que a história é um discurso e uma narrativa parece ser repetição, porque nesse campo as estrelas estão sempre juntas, porque o narrar é proceder de tal modo; mas Foucault vai além disso, a narrativa para ele não é apenas uma representação literária sobre a representação-objeto, ela mesmo já é o acontecimento e Foucault se interessa exatamente por esse momento, pelas condições históricas que tornaram possível a emergência de um objeto e de um enunciador, que não é um autor. E por pensar a história a partir de rupturas e descontinuidades, o objeto e o enunciador também se rompem, mudam, variam. E se esvaziam. Daí a grande questão foucaultiana: “segundo que regras um enunciado foi constituído?”<sup>17</sup>.

Mas Certeau cria outro espaçamento galaxial com Foucault; para aquele a explicação foucaultiana não discute o lugar do enunciado. Ora, o que será que Foucault quis dizer quando afirma a necessidade de analisar as relações entre os enunciados, inclusive e principalmente as relações dentro de um espaço em que os acontecimentos discursivos ocorrem? Para Foucault a região da inscrição do enunciado é fundamental na arqueologia, a questão então é tentar entender o que Foucault e Certeau chamam de lugar, já que o lugar em Foucault é sempre o não lugar, móvel, variante.

Ao invés de pensar o espírito, a estrutura, o pensamento de uma época, Foucault faz a história das epistemes, das formações discursivas, que seria um conjunto de enunciados, dispersos numa região, estes enunciados se diferenciam, se dispersam, são singulares e são relacionais. Esse conjunto enunciativo formando um discurso, criando a ideia de unidade é o objeto da busca, senão a operação do arqueólogo. Este deve pensar o que os enunciados repetem, cortam, excluem. Ao invés, porém, de uma continuidade, tenta ver como se repetindo os discursos vão afirmando verdades.

www.veredasdahistoria.com

---

16 FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, , p. 87-101.

17 Idem, ibidem, p. 151.



Decerto Foucault não faz a história do sujeito e do lugar do discurso, porque para ele o enunciado é uma função que produz um efeito de verdade dentro de um campo de leis e regras que o possibilita, a relação do enunciado não é com o referente, mas com essas condições históricas. Ora, se o enunciado é uma função, a função enunciativa, desse modo, não se pretende pensar um sujeito homogêneo, único. Para Foucault nem mesmo a obra de um único autor possui um sujeito enunciator. Os sujeitos dos enunciados não são seus autores, aqui faz-se então um dos distanciamentos estrelar de Ricouer e Foucault. O enunciado para Foucault é uma função vazia, porque variante, mutável. Para Foucault é preciso que se analise não o autor e o discurso, mas ver a condição que o tornou sujeito da enunciação. O enunciado é criado dentro de um jogo de conflitos. O enunciado não é uma unidade linguística de um sujeito individual. E tal qual a operação certauneana, o enunciado foucaultiano também é a inscrição do não-dito, mas o não-dito não se refere apenas à estrutura interna do texto; refere-se principalmente às relações de sua emergência<sup>18</sup>.

O enunciado é uma função que se institui a partir de referências, de um sujeito que ocupa o lugar do enunciado, dentro de um campo e de uma materialidade; e como toda função repete, troca, rompe, rasura, camufla, mas produzindo positividade, sem nunca estar exatamente lá onde o pesquisador quer encontrar, daí a importância do estudo da dispersão discursiva pra apontar as brechas da unidade discursiva que se quer homogênea.

Esses autores embora combatendo a história de diferentes lugares e a partir de questões referentes às suas escolhas teóricas e metodológicas, finalizamos pensando um outro campo conceitual que fez parte das últimas discussões de Ricouer. A questão do silêncio. Pensar a constituição da narrativa, significa refletir também o que é silenciado, o que não é dito, como acrescenta Foucault, e essa linha talvez uma ou pelo menos aproxime os campos teóricos dos autores aqui discutidos, porque para eles está claro que a história não é só memória, é também produção de esquecimento e silenciamento.

*O que faz a escrita com a memória?" Seria o remédio ou o veneno da memória, a escrita? Questões que certamente são fundantes para a lógica da sociedade moderna, que segundo Certeau, com sua maquinaria escriturária, é por excelência a sociedade da escrita, dos registros. Como Ricouer pensa a produção de um lado da memória, e de outro lado, do esquecimento?*

---

18 FOUCUALT, Michel. *op. cit.* p.89.



Paul Ricouer atualiza um debate suscitado já na racionalidade grega, a qual tinha uma preocupação ética, estética e moral com a escrita que inscreveria os mitos e a oralidade criados pela memória, pela vida da memória. Quando Platão usa o mito de Fedro é para pensar questões concernentes ao cotidiano do filósofo grego e assim atribuir um lugar para a memória, para a memória escrita, porque a grande preocupação nesse contexto de racionalidade grega é com a verdade. Desse modo, era preciso pensar até que ponto o que se escrevia era fiel ao que se falava e ao que saía declaradamente memória.

O mito de Fedro traz questões fundamentais para Ricouer pensar a relação entre o dito e o escrito, questões que já incomodavam a filosofia platônica<sup>19</sup>. No diálogo entre o deus Teuth e o rei Tamuh, a memória e a escrita serão pensadas de forma diferente. Ora, se para Teuth a escrita seria aquilo que iria conter as informações advindas da memória, para Tamuh, a eficácia do escrito não existiria pelo fato de ser a escrita afastamento do que está vivo na memória, uma espécie de rememoração que não daria conta daquilo que é tão particular e essencial ao que está vivo na memória e ao que dela sai no ato declarado.

*Por que partir do mito de Fedro? Que questões o mito de Fedro colocam para Ricouer?*

Em Ricouer *Teuth e Tamuh* ao invés de serem antagônicos, são discursos imagens, porque a narrativa é aquilo que registra e repete, mas essa narrativa quando arquivada e registrada dará um outro sentido ao dito, será a imagem semeadora, cultivadora, mas criadora de outros sentidos. Memória e história são procedimentos que operam o passado, são representações específicas ou maneiras de lidar com o passado, os quais dependem de uma ótica, de uma prática hermética. Se no mito de Fedro a dissonância entre memória e escrita aparece como um problema ético, no século XIX, a relação memória e história aparece a partir de outras reflexões. O processo que ocorre entre o escrito e o dito (re)significa uma outra linha, a do esquecimento, que é também parte do processo de quem opera o narrar e o escrever. A escrita ao mesmo tempo em que escreve o que está escrito na alma, escreve o depósito de mortos, o esquecimento, a escrita semeia o narrado, mas ao mesmo tempo sepulta, partes da narrativa e se o dito consegue ser mais sequencial, singular, declaração viva da memória, a escrita se torna seu outro por se deixar fazer objeto de análise, por ser a parte externa e racionalizada do que fora dito oralmente e por ser repetição.

---

19 RICOUER, Paul. *op. cit.* p. 155.





Se no mundo antigo a questão do esquecimento era um problema que feria a ética da verdade, da razão, haverá no século XIX um deslocamento ou re-figuração da linha de esquecimento entre o narrar e o escrever. Se Tamuh tornava problemático o que não seguiria a linha da memória, o poeta italiano Giacomo Leopardi<sup>20</sup> afirmava ser necessário desviar as lembranças da memória no esquecimento, no silêncio, no suicídio, porque a memória no século XIX para alguns traz a conotação da dor, lembrar é sofrer, lembrar é retornar ao lugar de onde se parte, retornar é tornar racional a linha da vida e esse processo era a reprodução da dor; Nietzsche<sup>21</sup> compartilha desse sentimento quando analisa o homem do ressentimento; aquele que é escravo por viver de lembranças, proposta também vista nos ditos do poeta argentino Jorge Luís Borges<sup>22</sup> que em seus versos dizia: “apagarei a acumulação do passado”. Toda narrativa, se pensarmos com Nietzsche, precisa assinar também o esquecimento, que é um acontecimento histórico também, o esquecer.

Paul Ricoeur desloca a questão da memória e da narrativa para o plano do procedimento hermenêutico, em que o esquecimento é também um procedimento hermético, escolhido, parte processual da escritura. A escrita não é necessariamente o oposto da memória, mas uma operação que exige outros procedimentos e que não se resume apenas a uma ideia de discurso. As narrativas para se tornarem texto são selecionadas, arquivadas, escolhidas para se tornarem documentos. E é esse procedimento que re-figura a oralidade, o silêncio. Desse modo, esse procedimento considera o processo da inscrição não apenas como texto escrito, mas tudo aquilo que se torna externo à oralidade e se torna objeto de análise, que sai do plano particular para o público.

Pensando a narrativa escrita como um procedimento, o autor se interessa para entender temas fundamentais como espaço, tempo, testemunho, arquivo e prova documental. Para Ricoeur, o texto inscreve a experiência humana e os procedimentos que o colocam como texto. Desse modo, da passagem da memória para a historiografia, os protagonistas, os tempos e espaços são modificados, referenciados, mas re-significados. O espaço geométrico, espacializado e configurado é recriado e se torna o espaço vivido; a narrativa contorna os

20 LEOPARDI, Giacomo. **Prosa e Verso**. Rio de Janeiro: Novo Aguiar, 1996, p. 5.

21NIETZSCHE, Frederick. **Considerações Extemporâneas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 15.

22BORGES, Luís. **Obras Completas**. Barcelona: Emecé, 1989, p. 11.



espaçamentos, as distâncias, as divisões, recriam-no<sup>23</sup>. Da mesma forma que o espaço, o tempo se torna humano pela narrativa.

Para Ricouer não somente as noções de espaço e tempo são re-significados nas narrativas escritas, mas também a noção de testemunho. O testemunho é dessa forma um personagem configurado como a câmera, o olho observador da “realidade”, é uma das autoridades sobre a verdade do acontecimento, a qual encaminha uma dada ótica sobre o passado e que evidente dependerá da ótica do arquivamento para se instituir como tal.

Os arquivos, outro momento da análise de Paul Ricouer seriam a materialização de um procedimento de organização da narrativa; neles estão imbricados configurações de espaço, tempo, testemunho. Se os testemunhos constituem uma ótica oral, sequenciando o ocorrido, o arquivo é esse lugar físico de produção de escrituras, mas também depósitos de mortos, de silêncios. Como diz Ricouer, os arquivos reúnem, cortam, coletam num processo que diferencia o oral do escrito, que separa a vida da memória da morte do esquecimento. Os arquivos preservam, classificam o documento, porém, conforme regras já estabelecidas socialmente.

O arquivo certamente é produtor do documento, o qual passa por um processo de classificação, mas esta etapa depende ainda de outra instância, de quem o re-figure documento, enfim da pergunta que o torne testemunho, indício, documento. Os testemunhos são dizeres que o considera como tal e por isso estão arquivados, mas ele ainda depende da leitura da crítica para julgá-lo e classificá-lo. A prova documental é uma relação construída na pergunta do leitor/historiador, o qual coloca em suspeição a própria ideia de documento. O documento assim não está dado, é por alguns instantes uma configuração do testemunho, mas a pergunta o historiador o tira da custódia do testemunho, pode torná-lo um “indício”, um outro testemunho ou documento. O acontecimento é assim aquilo sobre o que alguém dá testemunho, sendo por conseguinte arquivado e documentado. Por isso os documentos existem a partir de um procedimento e junto à imaginação; o gesto do pesquisador dará vida a uma outra narrativa e a outros silenciamentos.

O pensamento de Paul Ricouer ultrapassa toda tentativa de definição pelos diálogos, proximidades e distanciamentos que sua autoria cria em seus combates escriturários. Por isso prefiro finalizar recorrendo à tese do próprio Ricouer, quando propõe complementando

---

23RICOUER, Paul. *op. cit.* p. 163.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2010  
[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

Ano III - Ed. 1 - 2010  
ISSN 1982-4238

os três tomos de *Tempo e Narrativa*, discutir a importância do leitor. Assim sendo, que o gesto da representância do leitor efetive-se nesse texto, fazendo-o funcionar, circular, fazendo circular principalmente toda incompletude e toda brecha que há nesse gesto e em todo gesto que deseja de escrever. Que o leitor se deixe capturar apenas por isso: a vontade de refazer e mudar o texto e todo texto que lê.



[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)



**Referências bibliográficas**

ARISTÓTELES. **Retórica das Paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. **A Preparação do Romance I: da Vida à Obra**. São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Coleção Roland Barthes).

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas**. Barcelona: Emecé, 1989, vol. 1 e 2.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. **A Virada Hermenêutica**. Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEOPARDI, Giacomo. **As Lembranças. Prosa e Verso**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

www.veredasdahistoria.com

NIETZSCHE, Frederich. **Considerações Extemporâneas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.



WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: EdUSP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Teoria literária e Escrita da História**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1994.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa**. Campinas, SP: Papyrus, 1994, 3 tomos.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. Brasília: EdUnB, 1998.